

As Razões da Homeopatia

Estamos muito próximos do Congresso Brasileiro de Homeopatia (que, aliás, merece apoio e prestígio) e penso que de lá faremos um balanço provisório de nosso estado até aqui.

Como se sabe, o espectro de marginalidade sempre acompanhou a homeopatia. Os homeopatas sempre foram subestimados e incorporaram essa subestima.

Mas não é que a homeopatia vem obtendo inegáveis avanços institucionais? Áreas como a veterinária e a odontologia ampliaram suas perspectivas de atuação. Em farmácia e medicina, essa consolidação está cada vez mais evidente. Isso tudo foi importante e decisivo. Mas não basta. Não é suficiente esperar um avanço permanente em um movimento que segue a inércia de seu inusitado sucesso.

A verdade é que, se a homeopatia avançou institucionalmente, não consegui, ainda, fazer jus a seu potencial. Se a homeopatia hoje é mais aceita, ainda está muito longe de ser conhecida como uma possibilidade efetiva pelo grande público. A homeopatia não se transformou, a exemplo da biomedicina ou das ciências *lato sensu*, em um fato cultural. O comportamento da mídia científica denota isso. O até aqui relativo baixo impacto na sociedade também.

Estamos na véspera de novos desafios. Doravante nosso desempenho será ainda mais vital para avaliar até aonde queremos ir. Os homeopatas, que durante tanto tempo aspiraram um estatuto mais digno para sua arte, testemunham hoje a inscrição da homeopatia no sistema. Não se trata de um fenômeno regional. Acontece no mundo todo.

Temos dois grandes obstáculos imediatos. Os sectarismos internos e a resistência. A homeopatia tem inimigos ocultos, que sempre despontam nas crises provocadas pelo seu crescimento. Tratam-se de oportunistas que esperam tropeços reais ou artificialmente construídos para poder impor suas agendas repletas de jargões ressentidos, contra tudo aquilo que supostamente os ameaça. Mas a homeopatia tem também críticos argutos – internos e externos – cuja lucidez e seriedade merecem destaque, para que não sejam confundidos com ataques gratuitos.

O que esses críticos afirmam é que a análise do discurso de boa parte do movimento homeopático denota sectarismo e desejo de hegemonia. Ou seja, parece haver uma motivação que busca uma forma de supremacia homeopática. E eles têm certa razão. Parece haver no discurso homeopático uma espécie de intolerância crônica, uma resistência à autocrítica que sacrifica a interlocução em função do hermetismo, a fusão de horizontes pelo unilateralismo, o avanço epistemológico pelo adesismo cientificista.

A outra grande crítica, também pertinente, é a incapacidade permanente de autocompreensão de nossas polissemias. Abundam termos homeopáticos que podem significar muitos conceitos, variadas possibilidades de interferência e investigação em escolas que, em geral, não dialogam. E, talvez, o problema resida exatamente aí. No não-diálogo. Poder-se-ia até assumir a convivência das

muitas escolas para no final admitir que existem muitas homeopatias. Fazer o quê? Afinal, nosso campo está em construção. Neste aspecto, isto nos coloca em certo estado de licença poética para que façamos tantas experiências lingüísticas quanto acharmos necessárias até que nos ajustemos a um padrão que possa definir uma agenda de pesquisas e um glossário mais compartilhado.

Mas será que essas polissemias não representam exatamente a perspectiva de que a multiplicidade irrepetível de individualidades demanda diferentes enfoques? De que as pessoas (pacientes) vão ao encontro de pessoas (terapêutas) e não necessariamente de linhas ou escolas? De que uma certa habilidade médica que se cria em um encontro terapêutico não se repetirá necessariamente em um outro? De que a incrível variedade de terapêuticas – e a liberdade e generosidade que isto denota – está prevista na teoria hahnemanniana quando evoca com a habitual radicalidade o princípio da individualização, tão bem representado pela frase de Kant, de que cada homem tem um modo peculiar de estar são?

Afinal, quais as razões da homeopatia?

Estamos no limiar de uma construção cujo passo fundamental é apresentar uma terapêutica interessante, singular em abrangência e excepcionalmente acessível como instrumento. A homeopatia certamente avançará. Destarte, preferimos que esse avanço seja lento e consistente como alternativa à rapidez improvisada.

A Medicina do Sujeito (tema deste Congresso Brasileiro) não é mais um devaneio sem campo de pouso. E ela não é só uma aspiração da homeopatia. Na verdade ela está longe de ser uma moda passageira.

Uma Medicina do Sujeito, liderada ou desenvolvida pelos homeopatas, finalmente recolocará no lugar certo quem sempre deveria ter estado lá, a saber, todos os que dela precisam. E amadurecendo-a, podemos até exportá-la para outras disciplinas.

O desafio institucional da Homeopatia (o outro tema do Congresso) refere-se à maturidade científica que devemos apresentar de agora em diante. As aspirações filosóficas e políticas podem estar pendendo favoravelmente para o nosso lado, mas só nós podemos fazer algo mais criativo para conquistar os corações e mentes e transformar a homeopatia em um fato cultural. Isto demanda empenho coletivo. Requer máxima participação. As instituições – todos sabemos – são experiências difíceis. Em geral, elas nos remetem às dificuldades que envolvem o crescimento em conjunto. Democratizar experiências se faz menos com votações do que com consensos acordados, nos quais não existam perdedores e todos os participantes são *a priori* bem sucedidos, pois os resultados não são impingidos, mas redigidos por muitas vozes.

A homeopatia é uma causa. Mas a razão da homeopatia – é sempre bom que se diga – não está nela mesma. Está nos sujeitos. E é em nome deles que devemos escutar e nos fazer ouvir. Aí teremos mais uma razão.